

Introdução - פתיחה

O seder de Pessach nada mais é do que uma grande peulá, ou uma grande atividade com um fundo altamente educacional. Com o objetivo de relembrar uma história e passar seus valores, a hagadá conduz uma noite agradável: com canções, metáforas, comida e até mesmo em jogo ela transmite todo seu conteúdo, através de uma linguagem fácil para as crianças, sem perder sua essência e complexidade.

E assim também o é no Habonim Dror. Transmitimos nossas ideologias e princípios por intermédio de dinâmicas, jogos e discussões para crianças e jovens de uma maneira leve e profunda. Acreditamos em uma educação não-formal e questionadora, ao mesmo tempo que a utilizamos como ferramenta para se alcançar nossa hahgsamá - nossa realização.

Pessach é Chag Cherut, a Festa da Liberdade. Esta é a ideia central, mas o que queremos dizer exatamente com 'liberdade'? Longe de ser um conceito pronto, esta é uma ideia em disputa. Cada um, cada seder acaba levando adiante uma noção diferente, e nós, do Habonim Dror, em nosso seder, buscamos trazer uma noção coletivista, kibbutziana, de liberdade.

Quando se pensa em 'liberdade', frequentemente surge aquele ditado: "a liberdade de um termina quando começa a liberdade do outro". Por trás desta frase transparece uma noção individualista de liberdade, pois cada um teria a sua, totalmente separada da liberdade do outro. Nós, todavia, pensando junto de Emmanuel Levinas, filósofo judeu-lituano, e das práticas kibbutzianas, acreditamos numa liberdade comum, numa liberdade com o outro. Ser livre, em nossa concepção, não se faz sozinho, mas junto. Mesmo sendo um direito inalienável do ser humano, ela não existe individualmente: acreditamos que a liberdade seja construída por um todo maior do que seria a soma de suas partes: juntos podemos mais.

Isto, é claro, implica também uma responsabilidade coletiva. Portanto, ao pensarmos sobre este tema, devemos nos perguntar: "liberdade para quem e para quê?". Certamente não podemos confundir liberdade com discurso de ódio ou violação dos direitos humanos. Ao falarmos desta ideia, estamos discutindo como estar no mundo com os outros. E é isto que fazemos hoje neste seder. Pensando na história do povo judeu e na realidade contemporânea, vemos a importância de refletir sobre a condição dos refugiados e das minorias. Esta é uma condição de dificuldades e desafios, mas, confiando no valor do intercâmbio e da diversidade, é uma condição que também pode trazer encontros significativos e novas esperanças

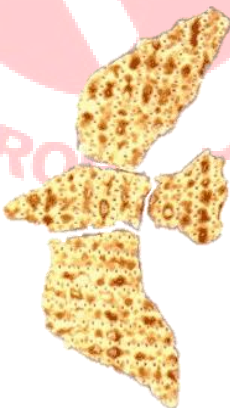
de mudanças. Acreditando em nossa união e em nossa força, em nossos desejos e vontades de transformar o mundo, em nossa liberdade e responsabilidades comuns, celebramos esta noite.

Chag Pessach Sameach!

“Para mim, LIBERDADE é ter direito de escolher, ter direito de falar e ter direito de viver. Liberdade é viver de um jeito livre. É viver de um jeito sábio e com responsabilidade. As pessoas não ganham liberdade, elas fazem liberdade, elas demonstram ao mundo a sua liberdade. Um excesso de liberdade é um excesso de bagunça. Temos que ter liberdade, mas também temos que ter responsabilidade de nossa liberdade. Liberdade não é poder fazer o que quiser, porque isso inclui: matar quando quiser, mentir quando quiser e machucar quando quiser. Essas coisas não estão dentro da liberdade. Liberdade inclui amor, paz e alegria. Sem liberdade não se aprende e sem aprendizado não se vive.”

Maria Papelbaum Micmacher

Guiborá, 9 anos



1º Copo – À nossa união!

Bem vindos, Chaverim e Chaverot, família Habonim Dror.

O primeiro copo festeja a nossa união e a nossa possibilidade de estarmos juntos neste dia de festa. Copo que comemora este Chag maravilhoso, que combina tradição, família, primavera, novos começos, humanismo e alegria, e que é comemorado em milhões de casas judaicas no mundo inteiro.

Agradecemos essa oportunidade de estarmos juntos e de comemorar a nossa liberdade e renovação.

Baruch Tzur Israel, HaMeached Mishpachot VeAmim UMekarev Levavot BeChag HaCheirut HaZe. Brucha Cheirutenu VeCheirut Kol Bnei HaAdam BaAsher Hem. Brucha Zchuto Shel Kol Adam Lichiot Chaim Chofshi'im UMele'ei Mashmaut.

“Abençoada a essência de Israel, que une as famílias e os povos e aproxima os corações nesta Festa da Liberdade. Abençoada a nossa liberdade e a de todos os seres humanos, estejam onde estiverem. Abençoado seja o direito de todo ser humano a viver uma vida livre e repleta de significado.”

E contarás a teu filho naquele dia dizendo...

“O povo manteve durante milhares de anos a sua saída da escravidão. E por todos os túneis de penhor, a Inquisição, a destruição e os pogroms, a nação carrega no seu coração as saudades da liberdade em uma lembrança antiga, que olha unicamente para o futuro.

De pais a filhos, por meio das gerações, é passada a saída do Egito como uma memória pessoal que não empalidece e não desbota. É um tipo de instinto profundo de liberdade, enraizado no fundo do coração do povo, que poderia na primavera de sua vida produzir uma criação assim e passá-la de geração a geração.”

Berl Katznelson

Kehará – קערה



A Keará é uma travessa circular em que são colocados 6 alimentos que nos relembram de momentos da história judaica. Sugeriremos que pensem, na medida em que vão lendo os seus significados, em interpretações contemporâneas dessas representações.

Beitzá - ביצה

O beitzá (ovo cozido com casca chamuscada) simboliza a destruição do Templo, mas, ao mesmo tempo, a esperança da sua reconstrução.

Zroá - זרוע

O Zerôa (pescoço de galinha para os ashkenazim e pedaço de braço de cordeiro para os sefaradim) representa o sacrifício que era feito no Antigo Templo. Zerôa quer dizer braço e nos lembra da mão forte de Deus ao tirar o povo judeu do Egito. É um símbolo da força dos escravos hebreus no Egito; representa o Corban Pessach (sacrifício de cordeiro oferecido na véspera de Pessach).

Charosset - חרוסת

O Charósset (pasta de nozes e maçãs raladas) simboliza a argamassa na qual trabalhavam nossos antepassados no Egito.

Chazeret - חזרת

O Chazeret (alface romana) representa a amargura da escravidão. Suas folhas não são amargas, mas o seu talo quando cresce fica duro e amargo. Assim foi a vida no Egito, no princípio suave e sensível, mas, depois, se tornou amarga, com o trabalho forçado e cruel.

Maror - מרור

O Maror (raiz forte ralada) também nos faz lembrar da amargura da escravidão. Rabbi Shneur Zalman de Liade comentou a respeito desta prática: “para melhorarmos a nós mesmos, devemos agir de maneira similar à ingestão do marór, devemos dedicar tempo para meditar profundamente sobre nossas faltas até que venham as primeiras lágrimas.”

Karpás - כרפס

Por fim, o Karpás (normalmente batata cozida). Este é mergulhado em água salgada, que seriam as lágrimas derramadas de tristeza pela escravidão. O Karpás pode ter vários significados: relembra o massacrante trabalho no Egito; os aperitivos desfrutados pelas pessoas livres na Antigüidade; além disso, o vegetal nos lembra do renascimento das plantas, já que Chag Ha'Pessach é também conhecido como Chag Ha'Aviv (Festa da Primavera). Assim, para além das lágrimas, lembramos do reflorescimento da primavera. Portanto, é importante que após todo sofrimento venha a esperança, pois caso contrário ficaremos estancados no trauma, sem prosseguir com a vida. O Karpás nos lembra o quão importante é transformar as feridas em marcas, para poder seguirmos em frente vivendo.

Mergulha-se o Karpás (batata) em água salgada.

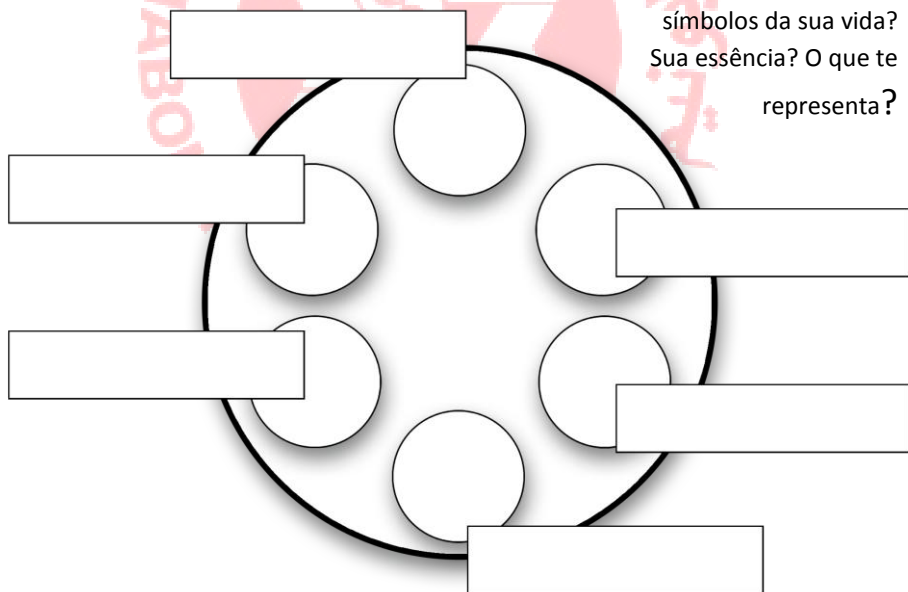
Tapuz - תפוז

Muitas famílias e congregações começaram a adicionar a laranja à Keará, como uma forma de reconhecer o papel da mulher na vida judaica. A professora Susannah Heschel adaptou uma prática iniciada na Comunidade Judaica da Oberlin College (que também sugeria a laranja como símbolo da solidariedade com os gays e outros grupos marginalizados na comunidade judaica), e pedia para que cada um comesse uma parte da laranja.

Após a leitura percebe-se que essas 6 representações são, em sua maioria, lembranças de momentos tristes da história judaica.

Assim, surge a dúvida: por que não há representações da passagem para liberdade, momentos de felicidade? Afinal esse não é um dos significados de Pessach - a festa da liberdade?

Escreva em cada espaço
o que forma a Keará da
sua vida. Quais os
símbolos da sua vida?
Sua essência? O que te
representa?



Ichatz - יחאץ

A matzá é partida ao meio e embrulha-se o pedaço maior, separando-o de lado para o *Afikoman*.

A palavra “Ichatz” significa divisão em duas partes. A palavra “Afikoman”, por sua vez, vem do grego e significa algo como “aquilo que vem após a refeição”, também usado como “sobremesa”. Por isso, é a última coisa que devemos comer no seder. Mas antes disso, há todo um ritual a ser feito. Devemos escolher, entre as três matzot que estão na mesa, a que está no meio, depois quebrá-la em duas partes: isso é o Ichatz. A parte menor é deixada na mesa, enquanto a maior será escondida e procurada pelas crianças no fim do Seder. Só é permitido aos presentes sair do Seder após encontrar e comer o Afikoman.

Em uma cerimônia com rezas e bênçãos em tantos momentos, desde lavar as mãos até mergulhar ervas no sal, o Ichatz é uma das raras coisas do Seder que não sucede uma Brachá. Será que aquele pedacinho de Matza não merece palavras, aquela parte do pão da aflição, que hoje representa a liberdade, tão importante para nós? Nesse momento, já que não há nada escrito na Hagadá para nos instigar a pensar por nós mesmos, vamos interpretar da nossa forma tudo o que acontece nesse momento. Propomos aqui, então, algumas reflexões.

A quebra da Matzá é o símbolo de algo incompleto, de que a vida não está completa. Nossa missão é sempre buscar completar, fazer inteiro, pleno.

O próprio Seder de Pessach não está completo, na medida em que desejamos que “aqueles que tem fome venham e comam” e que “nesse ano, somos escravos; no ano vindouro, homens livres”. Estas palavras são um convite à busca pela plenitude, que ainda não veio, mas que poderá vir no futuro, dependendo de nossa busca contínua.

E buscamos literalmente essa plenitude, no momento em que as crianças procuram a metade escondida. As crianças e jovens são responsáveis pelo nosso futuro, então nada mais justo do que confiar no seu julgamento e no seu jeito de ver o mundo, dando a eles protagonismo na busca de um mundo melhor.

Essa busca não é nem deve ser uma utopia! Há, sim, esperança! Durante essa noite do Seder, lembramos do exemplo tão essencial e inspirador que foi a nossa libertação do Egito. Com isso em mente, vamos nos lembrar daqueles que, assim

como o Afikoman, estão “escondidos”, aqueles dos quais ninguém fala ou lembra.

A quebra da Matza não remete só ao passado, à tragédia que assolou nosso povo. Aquela coluna de fumaça que, segundo nos conta a tradição, foi erguida por Deus para guiar o povo judeu, então livre, pelo deserto, foi hoje substituída pela explosão do ônibus em Jerusalém na última semana, pela poluição que destrói o planeta a cada dia, pela poeira levantada pelas guerras, que separam milhares de pessoas de suas casas e de suas famílias. Não! Quebramos a matzá para nos preocuparmos com o presente e lutar por um futuro melhor. Não sozinhos, mas com a ajuda daqueles que estão a nossa volta, de todos que, junto conosco, procuram o Afikoman.

Juntos, sempre, vamos construir um mundo feliz, para todos !

Deus disse para Avraam, ao mandá-lo sair de sua terra, da sua parentela e da casa de seu pai, LECH LECHA, vá para si mesmo. E assim devemos fazer. Devemos ir para nós mesmos a todo o momento, buscando nos encontrar. E a partir do momento que nos encontrarmos, seremos capazes de olhar para o outro e ajudá-lo em sua busca.

“Nós estamos aqui.

*E podemos saborear em paz nosso manjar,
nosso afikoman.*

Nós o merecemos, como tudo mereceste.

*Tu, porque o encontraste;
nós, porque nos encontramos.”*

Moacyr Scliar

Escreva neste espaço algo que você pretende buscar ao longo desse ano:

Ma
Nishtaná



- מה

נשתנה

Ma nishtana halaila haze	מה נשתנה הלילה הזה	Em que é diferente esta noite
Mikol haleilot	מכל הלילות	Noite
Mikol haleilot	מכל הלילות	De todas as noites
Shebechol haleilo anu	שבכל הלילות אנו	De todas as noites
ochlin	אוכלין	Que todas as noites nós
Chametz umatza,	חמץ ומצה, חמץ ומצה	comemos
chametz umatza	הלילה הזה, הלילה הזה	Chametz e matza
Halaila haze, halaila haze	הזה	Esta noite
Kulo matza	כולו מצה.	Somente matza
Shebechol haleilot	שבכל הלילות	Que todas as noites
Anu ochlin	אנו אוכלין	Nós comemos
Shear yerakot, shear	שאר ירקות, שאר	Várias verduras
yerakot	ירקות	Esta noite
Halaila haze, halaila haze	הלילה הזה, הלילה הזה	Somente maror
maror	הזה מרור.	
Shebechol haleilot	שבכל הלילות	Que todas as noites
Ein anu matbilin	אין אנו מטבילין	Nós não mergulhamos [na água salgada]
Afilu paam achat, afilu	אפילו פעם אחת,	Nem sequer uma vez
paam achat	אפילו פעם אחת	Esta noite
Halaila haze, halaila haze	הלילה הזה, הלילה הזה	Duas vezes
Shetei peamim	הזה שתי פעמים.	
Shebechol haleilot	שבכל הלילות	Que todas as noites
Anu ochlin	אנו אוכלין	Nós comemos
Bein yoshvin uvein	בין יושבין ובין מסובין	Sentados ou reclinados
mesuvin, bein yoshvin	בין יושבין ובין מסובין	Esta noite
uvein mesuvin	הלילה הזה, הלילה הזה	Todos nós nos reclinamos
Halaila haze, halaila haze	הזה	
Kulanu mesuvin	כולנו מסובין	

Ma Nishtana – What needs to change.

O que precisa mudar
para que o mundo
como ele é
possa acordar?

O que precisa mudar
para que o mundo
como ele é
possa nos amar?

O que precisa mudar
agora
para que possamos
respirar?
O que precisa mudar
para que nossas irmãs
e irmãos
possam ser tão livres
quanto nós?

E o que precisa mudar
para que nós
sejamos livres
também?

O que precisa mudar
nas nossas vozes,
nossas posturas,

nosso caminhar?

O que precisa mudar
em como
nós tentamos mudar
nossos corpos?

O que precisa mudar
nos nossos jornais
e em nossos
orçamentos?

O que precisa mudar
na nossa linguagem
e nos nossos quartos?

O que precisa mudar
em como
nós olhamos no
espelho?

O que precisa mudar
no nosso fazer amor
em todo momento?

O que precisa mudar -
essa noite! -
para que possamos

acordar
mais livres de manhã?

O que precisa mudar
semana que vem
para nutrir todas as
Miriams e Moshes?

E o que precisa mudar
para que cada Faraó
receba doze abraços
por dia?

O que precisa mudar
para que eu tenha voz
e você tenha ouvidos?

Eu sei o que precisa
mudar
e você sabe o que
precisa mudar
e nós seremos a
mudança.

Amen

Kohenet Ilana Joy Strei

Nesta noite, nos perguntamos “Por que esta noite é diferente de todas as outras” e como resposta nós estamos acostumados a ouvir que é porque comemos matza e não chametz, porque comemos maror e não outras verduras e porque comemos reclinados e não sentados.

Essas respostas já são automáticas e muitas vezes paramos de nos questionar sobre tradições que temos há anos. Por que estamos reunidos aqui hoje? Por que ano após ano nos juntamos para contar às crianças a história de Pessach? Por que festejamos este chag?

O questionamento é algo imprescindível ao ser humano. Devemos a todo o momento nos perguntar o porquê de fazermos o que fazemos, para não cair na inércia e as coisas perderem seu sentido. Quando fazemos por fazer, sem ver a real essência disso, não é verdadeiro.

Esta noite, quando nos perguntarmos o porquê dessa noite ser diferente, temos que responder, de forma sincera com nós mesmos, que além de comermos matzá e maror, é porque nós escolher comemorar este chag, é porque decidimos estar aqui e é porque isto faz sentido e é verdadeiro para nós.

2º Copo – Pelo direito à infância

Toda criança tem o direito à infância e a viver com dignidade. A história de Pessach começa com a ordem do Faraó de assassinar crianças judias, com medo de que o futuro desta geração ameaçasse seu poder. A vida de Moshé, que sobreviveu graças aos esforços de sua família, fala sobre quanto uma criança, uma vida pode fazer diferença para o mundo.

Ao afirmarmos o direito à infância não defendemos somente que todas as crianças possam viver, mas que possam viver em um ambiente carinhoso, com seus direitos humanos assegurados, aprendendo, brincando e, fundamentalmente, crescendo. A ordem do Faraó infelizmente ainda vale para muitas crianças no mundo todo, e é lembrando Kim Phuc e as crianças vítimas de guerras, Eduardo de Jesus e as crianças nas favelas, Aylan Kurdi e as crianças refugiadas, que afirmamos a importância e lutamos pelo direito à infância para todas as crianças! Le'chaim!

Cada criança um mundo único;
Cada criança um futuro pela frente;
Cada desenho ou brincadeira um sonho,
um medo, uma angústia, um desejo;
Cada criança uma infância a viver;
Cada criança uma família por detrás;
Cada criança um mundo,
Quantos universos deixados pra trás?



Anne Frank; Kim Phuc já adulta e seu filho Thomas; Eduardo de Jesus; Aylan Kurdi

As Dez Pragas – עשר המכות

Ao mencionar cada uma das dez pragas, deve-se derramar (ou tirar com o dedo mindinho) algumas gotas de vinho. Esse costume tem origem no Midrash: Ele nos conta que, quando Deus abriu o Mar Vermelho para salvar os judeus e fechou-o, em seguida, afogando aos perseguidores egípcios, os anjos do céu queriam cantar um hino de louvor, mas Deus repreendeu-os, dizendo: “Minhas criaturas estão se afogando no mar e vocês querem cantar?”

Atualmente, é de grande importância que nos relembremos dessa mensagem. No mundo, o ódio e o radicalismo se espalham com força, e não podemos nos tornar indiferentes, fechando-nos em nossos círculos e não nos preocupando com o que não nos concerne diretamente. No Habonim Dror acreditamos que através do diálogo e da troca com o outro podemos combater a indiferença e o preconceito, e atingir uma sociedade mais tolerante.

“Primeiro eles vieram para os
socialistas, e eu não protestei -

Porque eu não era socialista

Então eles vieram para os

sindicalistas, e eu não protestei -

Porque eu não era sindicalista

Então eles vieram para os judeus, mas
eu

não protestei -

Porque eu não era judeu

Então eles vieram pra mim - e não
havia ninguém mais pra protestar
para mim.”

*Discurso do alemão Martin Niemöller,
pastor que passou sete anos de sua
vida em campos de concentração.*

Todo ano relembremos a história de Pessach: desde os tempos de escravidão até o recebimento das tábuas da Lei. No entanto, de que maneira poderíamos incrementar nossa comemoração? Será que uma história que se passou há mais de 1000 anos consegue ainda ser impactante?

Embora antiga, Pessach possui valores e significados que podemos facilmente trazer para os dias de hoje. É possível fazer um paralelo entre as pragas de Pessach e os males que acometem refugiados nos dias de hoje:



Dam – Sangue - דם

Tsefardêa – Rãs - צפרדע

Kinim – Piolhos - כנים

Aróv - Animais Ferozes -
ערוב

Déver – Peste - דבר

Shechin – Sarna -
שחין

Barad – Granizo - ברד

Arbê – Gafanhotos - ארבה

Chóshech – Escuridão -
חושך

Macat Bechorot - Morte aos primogênitos - מכת בכורות

1-Guerra: o sangue derramado nas guerras ainda é uma realidade e obriga muitos a fugirem de seus lares.

2-Intolerância religiosa: a praga das rãs tornou o Rio Nilo, considerado divino, em lugar de perigo e peste, enquanto que em nossa realidade a intolerância religiosa continua a inferiorizar a crença dos outros e ameaçar vidas.

3-Perseguição política: se os piolhos eram a praga que atingia a cabeça das pessoas e as incomodava profundamente, hoje, infelizmente, são as ideias políticas de alguns que são vistas como incômodo a ser exterminado. Enquanto ideias políticas não se confundirem com desrespeito aos direitos humanos, não podemos tolerar que pessoas sejam obrigadas a saírem de seus países por suas ideais!

4-Discriminação sexual: ao discriminarem os outros por suas diversas orientações sexuais, seres humanos agem como animais ferozes.

5-Devastação ambiental: a peste destruiu as plantações dos egípcios, enquanto nós destruimos o meio ambiente por uma exploração predatória e a possibilidade de muitos viverem em seus lares.

6-Xenofobia: trata-se o estrangeiro como a sarna, como se fosse uma coceira que não pode ser aceita.

7-Discurso de ódio - as palavras de ódio são como granizo caindo. Determinadas, atingem inocentes e não os permite viver mais livre da discriminação.

8-Miséria: assim, como os gafanhotos comeram as plantações egípcias deixando-nos em condição de fome e miséria, hoje, infelizmente, não precisamos de gafanhotos para que seja uma realidade e obrigue milhões a se deslocarem em busca de condições de sobrevivência.

9-Desvalorização da vida: a escuridão caiu sobre o egípcios e não lhes permitiu ver o outro. Se choramos quando morre alguém na Europa e não quando morre alguém na África ou no Oriente Médio, é pois a identidade atribuída ao morto é mais importante do que o valor universal da vida. Assim, muitos vivem e morrem no escuro.

10- Morte dos primogênitos: para muitos, especialmente os em condições precárias de vida, como muitos refugiados, a mortalidade infantil é uma realidade e não precisa de metáfora para ser atual.

Maguid - מגיד

É contada a história de Pessach. Nós o fazemos através do teatro.

NÓS TAMBÉM FOMOS LIBERTADOS DO EGITO.

Em cada geração, toda pessoa deve sentir-se como se ela própria tivesse saído do Egito, assim como está escrito: "Naquele dia contarás a teu filho: Isto é pelo que o Eterno fez por mim, quando eu mesmo saí do Egito." Sempre nos lembraremos: "Nós que fomos escravos no Egito... nós que fomos estrangeiros."

Por isso, também recordamo-nos das palavras: Não oprimirás ao estrangeiro, pois vós conheceis o coração dum estrangeiro, visto que fostes estrangeiro na terra do Egito.

Se um estrangeiro peregrinar convosco na vossa terra, não lhes fareis mal... e amá-lo-ás como a ti mesmo, porque fostes estrangeiros na terra do Egito.

Avadim Hainu - עבדים היינו -

Avadim hainu, hainu
Ata benei chorin, benei
chorin
Avadim hainu
Ata, ata benei chorin,
benei chorin

עבדים היינו, היינו
עתה בני חורין, בני חורין
עבדים היינו
עתה, עתה בני חורין, בני
חורין

Escravos fomos, fomos
Agora somos livres, livres
Escravos fomos
Agora, agora somos livres,
livres

Ainda existem Faraós. Ainda existem escravos.

Os Faraós modernos já não constroem pirâmides, mas sim estruturas de poder e impérios financeiros.

Seus escravos se contam aos milhões, neste mundo em que vivemos.

Para estes, ainda não chegou seu Moshé, ainda não chegou libertação, ainda não chegou sua travessia.

Para ele, a vida ainda é amarga como o maror e suas lágrimas são salgadas como a água com sal.

E a eles também que lembramos nesta noite. Com eles repartimos, em imaginação, o nosso pedaço de matzá.

Nosso dever, como povo, é ajuda-los a se libertarem. Não devemos olhar para outros povos passivamente. Não devemos ficar sentados esperando que seu Moshé venha e liberte-os. Nós, Avadim Hayinu, devemos lutar para todos os povos serem livres também.



Lendo a hagadá somos conduzidos aos tempos antigos. Mas quantas semelhanças com os tempos modernos em cada trecho do relato histórico. Quanto na história humana que se mantém. A intenção da hagadá é, no fundo, servir como base para a discussão, em termos atuais, sobre o sagrado privilégio do homem de viver em paz e liberdade. Pena que isso não se adeque a todos os lugares e povos. Atualmente, há cerca de 27 milhões de pessoas em situação de trabalho escravo. Seja na China com a indústria têxtil, na Índia com o carregamento de tijolos para a indústria civil, no Himalaia com o transporte de pedras, em Ghana, com a indústria da pesca, no Nepal, com a exploração sexual de jovens ou até mesmo no Brasil, nos grandes latifúndios. Não podemos lembrar que fomos escravos no Egito e comemorar a liberdade e ao mesmo tempo fecharmos nossos olhos para isso.

Motzi Matzá - מוציא מצה

A tradição judaica conta que os judeus, para escaparem do Egito e da escravidão, tiveram que fugir tão rapidamente que não houve tempo para fermentar o pão, obrigando-lhes a levarem o pão ázimo, sem fermento. Esta impossibilidade seria a origem da tradição de se comer matzá em Pessach.

Uma das principais preocupações de Moshé e do povo judeu ao sair do Egito e no período no deserto era educar uma nova geração para sair mentalmente da escravidão, não bastando só sair fisicamente. Dessa forma, o fermento egípcio, presente nos pães, a base da alimentação, seria mais um elo simbólico atando o povo judeu à mentalidade submissa da escravidão, que deveria ser superada. Não alimentar com pão tradicional egípcio as novas gerações, que precisavam ser educadas e aprenderem a ser livres, seria também uma maneira de romper com esse passado e abrir a possibilidade de um novo futuro. Mas, a dureza da matzá lembraria também de toda a luta que teriam pela frente para conquistar seu próprio futuro e crescimento.

Da mesma forma, que comamos matzá todo ano em Pessach para nos ajudar a libertar a nós e a todos de qualquer escravidão, e para que possamos criar nosso próprio futuro, com consciência do árduo crescimento ainda pela frente.

Erguem-se os três pedaços de matzá, que são partidos e distribuídos.

Baruch ata adonai elohenu melech
haolam amotzi lechem min haaretz

ברוך אתה יי אלוהינו מלך העולם
המוציא לחם מן הארץ

Baruch ata adonai elohenu melech
haolam Asher kidshanu
bemitzvotav vetzivanu al achilat
matza

ברוך אתה יי אלוהינו מלך העולם
אשר קידשנו במצוותיו וציוונו על
אכילת מצה

Baruch ata adonai elohenu melech
haolam al Asher kidshanu
bemitzvotav vetzivanu al achilat
maror

ברוך אתה יי אלוהינו מלך העולם
אשר קידשנו במצוותיו וציוונו על
אכילת מרור

“Eis o pão da miséria

Que nossos antepassados comeram na terra do Egito

Que venham todos os que têm fome, e comam

Que venham os necessitados compartilhar da festa de Pessach”

Dividimos a matza para lembrarmos-nos e agradecermos que temos comida em nossas mesas. Que, em Pessach e sempre, todos tenham pão para saciar sua fome.

Ao dividirmos a matza, cada um pega um pedaço e compartilha com as pessoas a sua volta alguma lembrança de Pessach.

Eliahu Hanavi - אליהו הנביא

Eliyahu hanavi
Eliyahu hatishbi,
Eliyahu hagil'adi -
Bim'hera yavoh eleinu,
im mashiach ben David.

אליהו הנביא
אליהו התשבי
אליהו הגלעדי
במהרה יבוא אלינו
עם משיח בן דוד

Eliahu, o profeta
Eliahu, o "tishbita"
Eliahu, o guiladita
Rapidamente virá a nós
Com o messias, filho de
David

O Profeta Eliahu, é um hóspede ilustre, aguardado há séculos. Conforme a tradição, na noite do Seder ele visita todos os lares judaicos, com a mensagem de fé, esperança, paz e harmonia. Mas existe um motivo ainda mais humanitário neste ato, que é o de abrir as portas para os judeus que não tem condições de realizar o Seder.

Até hoje não veio, e não é certo que nos visite esta noite. Não tem importância. O importante é que nossa porta esteja aberta. Para o profeta ou para nosso vizinho; para o Messias ou para o pobre que nos vem pedir um pouco de comida.

E neste ano levamos ainda mais adiante: abrir a porta para aqueles que foram obrigados a sair de seus lares, que sofrem e temem a guerra todos os dias, que são perseguidos por sua religião, opinião política ou sexualidade, que têm seu meio ambiente devastado, que são assolados pela miséria. Abrir a porta para aqueles cujas vidas são menos valorizadas.



Por esta porta aberta, é possível que os de fora espiem.

E quando espiarem verão uma família reunida em torno à mesa, celebrando. E perceberão que a tal família nada tem a esconder. Eles não praticam rituais secretos, eles não são uma seita misteriosa. São gente como a gente. São pessoas dispostas a recebê-los, que não vão julgá-los e que vão tê-los como iguais.

É certo que nem todos pensam assim, e é por isso mesmo que a porta precisa ficar aberta. Não somente na noite de Pessach, mas em todos os dias, devemos estar sempre abertos, dispostos a receber todos aqueles que buscam um novo lar. Para que o profeta Eliahu venha, nesta e em tantas outras noites, anunciando a paz entre os povos e para eles.

Texto adaptado da Hagadá escrita por Moacyr Scliar, em 1988.

Este ano, além do Copo para Eliahu Hanavi, encheremos também um copo para uma personagem muito importante nesta história. O “Kos Miriam” - a “Taça de Miriam” - é colocado ao lado da taça do Profeta Eliahu, mas com a diferença de estar repleta de água. A razão é que Miriam, a irmã de Moshé, considerada uma profetiza, que ficou cuidando do seu irmãozinho flutuando na “cestinha” é relacionada no midrash com uma fonte d’água que acompanhou o povo ao longo da sua travessia pelo deserto.

Maror - מרור

São comidas as raízes fortes relembrando a escravidão e o sofrimento dos judeus no Egito.

Korech - כורֶךְ

Faz se um sanduíche com matzá, maror e charosset.

3º Copo – Não à indiferença!

"E amarás ao estrangeiro, pois estrangeiro foste na terra do Egito". No 3o copo, lembraremos de todos aqueles que já acolheram e acolhem refugiados. Em uma sociedade cada vez mais individualista, precisamos olhar para o outro como um igual. Assim como nos momentos em que judeus foram perseguidos e receberam diversas ajudas, é importante que todos ajam, como os justos entre as nações, da forma mais empática possível. É importante também ressaltar que o outro pode estar muito perto de nós, como refugiados sírios em Botafogo, ou refugiados palestinos que sofrem com opressões diárias vindas tanto do povo quanto do governo de Israel. Para além de ações justas governamentais, queremos lembrar aqui dos atos civis. Esse copo é para ser tomado contra a indiferença. Le chaim!

Dayenu - דיינו

Dayenu - Lo Dayenu (Não seria suficiente)!

Adaptado da edição de 2014 da Hagada de Pessach do Habonim Dror

Dayenu, tradicionalmente, vem com o propósito de nos lembrar o quanto agradecidos somos a Deus por todos os presentes dados ao povo judeu, tais quais ter nos tirado da escravidão do egito, ter nos dado a Torah e também o shabat. Muitas vezes, olhamos para trás e pensamos como somos vitoriosos por toda nossa história, por tudo que passamos e, ainda assim, sobrevivemos e aqui estamos! Porém, quantas são as vezes que refletimos olhando para frente?

Hoje gostaríamos de propor algo diferente do habitual. Que cada um possa enxergar o futuro e perceber que ainda existem muitas batalhas a serem travadas e

vencidas, que possamos nos lembrar que apesar de estarmos aqui, brindando em família, sim a família Habonim Dror, há muitas outras que ainda não possuem a possibilidade de desfrutar dessa liberdade!

Se o antisemitismo não existisse, porém ainda houvesse outros preconceitos e discriminações contra minorias. Ainda assim, Lo dayenu (não seria suficiente)!

Se o preconceito e discriminação fossem combatidos, porém guerras e perseguições continuassem fazendo com que cidadãos se tornassem refugiados. Ainda assim, Lo dayenu (não seria suficiente)!

Se as guerras e perseguições fossem interrompidas, mas muitas pessoas fossem submetidas a situações de miséria, a ponto de serem forçadas a sair do lugar onde estão. Ainda assim, Lo dayenu (não seria suficiente)!

Se a miséria terminasse e todas as pessoas vivessem em condições razoáveis, mas os refugiados pelo mundo não encontrassem abrigo. Ainda assim, Lo dayenu (não seria suficiente)!

Se os países abrissem suas portas para aqueles que necessitam abrigo, mas aqueles que foram expulsos não pudessem voltar para seus lugares de origem. Ainda assim, Lo dayenu (não seria suficiente)!

Por isso, fazemos questão de mostrar que, assim como tudo pelo que passamos ao longo da história, essas batalhas somente serão vencidas se nos transformarmos em agentes de mudança. Que não nos deixemos cair na inércia cotidiana e que pouco a pouco, possamos construir juntos um mundo melhor!



Pessach Matza uMaror

De acordo, com a Mishná, Rabi Gamliel disse: "Quem deixar de refletir sobre o significado de três testemunhos: Pessach, Matzá e Maror não cumpriu o preceito do Seder."

Nós vemos uma importância grande na continuidade e na memória. Por isso, queremos aproveitar o Pessach para lembrar de nossa bússola de valores, desse farol que ilumina o nosso caminho e dirige nossas ações e nossa educação.

Pessach – na tradição, o Pessach era a lembrança de que D-s passou por cima das casas de nossos antepassados no Egito e eles foram redimidos. Hoje, nós vemos Pessach como uma oportunidade inversa, de incluir e ser incluídos, e não de sermos excluídos. Nossa fala de Pessach será o nosso método de dizer para o mundo que ainda existe a injustiça e a desigualdade, e que é nossa tarefa, de todos nós, eliminá-las.

Matzá - Antigamente, a matzá comemorava a lembrança da massa do pão não fermentado. Como fala o texto, "Sete dias comerás matzá para que te lembres dos dias em que saíste do Egito, todos os dias de tua vida". Queremos nomear nesta ocasião as pessoas – homens, mulheres e crianças, que hoje em dia estão no deserto, seja ele físico ou metafórico.

Maror - Come-se o maror porque os egípcios amarguraram a vida de nosso povo, assim como está escrito: amarguravam-lhes a vida com serviços penosos de barro e de tijolos e de toda a sorte de trabalhos nos campos, com todas as tarefas impostas com rigor. Também hoje, onde houver escravidão nós sentimos sua amargura e estamos comprometidos a eliminá-la.

LeShana Habá BeYerushalaim - לשנה הבאה בירושלים

Le shana habaa be Yerushalaim
Le shana habaa be Yerushalaim
Le shana habaa be Yerushalaim
Le shana habaa be Yerushalaim
a bnuia

לשנה הבאה בירושלים
לשנה הבאה בירושלים
לשנה הבאה בירושלים
לשנה הבאה בירושלים
הבנויה

No ano que vem em Jerusalém
No ano que vem em Jerusalém
No ano que vem em Jerusalém
No ano que vem em Jerusalém
construída e completa

O retorno para casa. Assim como nossos antepassados, no tempo em que foram escravos no Egito e desejavam voltar a Israel, ainda há milhares de seres humanos que, como eles, almejam retornar a sua terra. Deixar sua pátria envolve diversos aspectos emocionais, o que torna essa “volta ao lar” algo tão entranhado nos imaginários coletivos de vários migrantes. Que no ano que vem, esses possam alcançar onde seria a sua Jerusalém, tanto física quanto simbólica.

No ano que vem, em Jerusalém! Como judeus e sionistas, valorizamos Jerusalém como nossa casa, casa do povo judeu e dos povos que lá vivem! Foi casa para os judeus refugiados de um século atrás. Casa para os judeus etíopes, yemenitas, russos, poloneses. Casa para qualquer judeu que a queira como tal. Que haja casa também para os refugiados sudaneses, eritreianos que vivem em Israel. Casa para os refugiados palestinos que vivem logo ali ao lado. Casa é mais do que abrigo, casa é pertencimento. Que o Habonim Dror seja casa para todos os que o cercam.

Em Jerusalém reconstruída, pois o Sionismo vive em constante construção e reconstrução. Que Jerusalém deixe de ser uma cidade dividida pela intolerância, pelos muros físicos e metafóricos que a cercam e pela violência! Que ela seja uma construção coletiva de judeus, árabes, israelenses, palestinos, e que possamos viver em paz - Shalom!

4º Copo – Pela diversidade cultural

É no encontro com o outro que nos constituímos. O povo judeu passou a maior parte de sua história vivendo na Diáspora, em condição de minoria. A condição de refugiado também não nos é estranha. Em contato e conflito com outras culturas aprendemos o valor da troca e também de manter o que nos é caro. Deste modo, nos solidarizamos com todos os refugiados e minorias que lutam para continuar a celebrar suas culturas entre conflitos e discriminação. Em tempos de crescente xenofobia, racismo, islamofobia e intolerância, sabemos, como judeus, que devemos

defender o multiculturalismo! Pois é no encontro com o outro que crescemos e na multiplicidade que encontramos a riqueza, afirmamos a diversidade cultural!
Le'chaim!

Echad mi yodea? – אֶחָד מִי יוֹדֵעַ

Echad mi yodea?	אֶחָד מִי יוֹדֵעַ?	Um quem sabe?
Echad ani yodea:	אֶחָד אֲנִי יוֹדֵעַ:	Um eu sei:
Echad eloheinu shebashamaim uvaaretz	אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שְׁבַשְׁמִים וּבְאֶרֶץ.	Um Deus que está no céu e na terra
Shnaim mi yodea?	שְׁנַיִם מִי יוֹדֵעַ?	Duas quem sabe?
Shnaim ani yodea:	שְׁנַיִם אֲנִי יוֹדֵעַ:	Duas eu sei:
Shnei luchot habrit Echad eloheinu shebashamaim uvaaretz	שְׁנֵי לְוַחוֹת הַבְּרִית, אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שְׁבַשְׁמִים וּבְאֶרֶץ.	Duas tábuas da lei Um Deus que está no céu e na terra
Shlosa mi yodea?	שְׁלֹשָׁה מִי יוֹדֵעַ?	Três quem sabe?
Shlosa ani yodea:	שְׁלֹשָׁה אֲנִי יוֹדֵעַ:	Três eu sei:
Shlosa avot, Shnei luchot habrit Echad eloheinu shebashamaim uvaaretz	שְׁלֹשָׁה אֲבוֹת, שְׁנֵי לְוַחוֹת הַבְּרִית, אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שְׁבַשְׁמִים וּבְאֶרֶץ.	Três patriarcas, Duas tábuas da lei Um Deus que está no céu e na terra
Arba mi yodea?	אַרְבָּע מִי יוֹדֵעַ?	Quatro quem sabe?
Arba ani yodea:	אַרְבָּע אֲנִי יוֹדֵעַ:	Quatro eu sei:
Arba imahot, Shlosa avot Shnei luchot habrit Echad eloheinu shebashamaim uvaaretz	אַרְבַּע אִמָּהוֹת, שְׁלֹשָׁה אֲבוֹת, שְׁנֵי לְוַחוֹת הַבְּרִית, אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שְׁבַשְׁמִים וּבְאֶרֶץ.	Quatro matriarcas, Três patriarcas Duas tábuas da lei Um Deus que está no céu e na terra
Chamisha mi yodea?	חֲמִשָּׁה מִי יוֹדֵעַ?	Cinco quem sabe?
Chamisha ani yodea:	חֲמִשָּׁה אֲנִי יוֹדֵעַ:	Cinco eu sei:
Chamisha chumshei tora, Arba imahot Shlosa avot, Shnei luchot habrit Echad eloheinu shebashamaim uvaaretz	חֲמִשָּׁה חֻמְשֵׁי תּוֹרָה, אַרְבַּע אִמָּהוֹת, שְׁלֹשָׁה אֲבוֹת, שְׁנֵי לְוַחוֹת הַבְּרִית, אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שְׁבַשְׁמִים וּבְאֶרֶץ.	Cinco livros da Torá, Quatro matriarcas Três patriarcas, Duas tábuas da lei Um Deus que está no céu e na terra
	חֲמִשָּׁה מִי יוֹדֵעַ?	Seis quem sabe?

Shisha mi yodea?
 Shisha ani yodea:
 Shisha sidrei mishna,
 Chamisha chumshei tora
 Arba imahot, Shloscha avot
 Shnei luchot habrit
 Echad eloheinu
 shebashamaim uvaaretz

 Shiv'a mi yodea?
 Shiv'a ani yodea:
 Shiv'a yemei shabta, Shisha
 sidrei mishna
 Chamisha chumshei tora,
 Arba imahot
 Shloscha avot, Shnei luchot
 habrit
 Echad eloheinu
 shebashamaim uvaaretz
 Shmona mi yodea?
 Shmona ani yodea:
 Shmona yemei mila, Shiv'a
 yemei shabta
 Shisha sidrei mishna,
 Chamisha chumshei tora
 Arba imahot, Shloscha avot
 Shnei luchot habrit
 Echad eloheinu
 shebashamaim uvaaretz

 Tish'a mi yodea?
 Tish'a ani yodea:
 Tish'a yarchei leida,
 Shmona yemei mila
 Shiv'a yemei shabta, Shisha
 sidrei mishna
 Chamisha chumshei tora,
 Arba imahot
 Shloscha avot, Shnei luchot

לוחות הברית,
 אחד אליהינו שבשמים
 ובארץ.

?ששה מי יודע
 :ששה אני יודע
 ששה סדרי משנה,
 חמשה חמשי תורה,
 ארבע אמהות, שלשה
 אבות
 ,שני לוחות הברית
 אחד אליהינו שבשמים
 ובארץ.

?שבעה מי יודע
 :שבעה אני יודע
 שבעה ימי שבועה,
 ששה סדרי משנה,
 חמשה חמשי תורה,
 ארבע אמהות
 ,שלשה אבות, שני
 ,ברית לוחות ה
 אחד אליהינו שבשמים
 ובארץ.

?שמונה מי יודע
 :שמונה אני יודע
 שמונה ימי מילה,
 שבעה ימי שבועה,
 ששה סדרי משנה,
 חמשה חמשי תורה,
 ארבע אמהות, שלשה
 אבות
 ,שני לוחות הברית
 אחד אליהינו שבשמים
 ובארץ.

?תשעה מי יודע

Seis eu sei:
 Seis livros da mishná, Cinco
 livros da Torá
 Quatro matriarcas, Três
 patriarcas
 Duas tábuas da lei
 Um Deus que está no céu e
 na terra

 Sete quem sabe?
 Sete eu sei:
 Sete dias da semana, Seis
 livros da mishná
 Cinco livros da Torá,
 Quatro matriarcas
 Três patriarcas, Duas
 tábuas da lei Um Deus que
 está no céu e na terra
 Oito quem sabe?
 Oito eu sei:
 Oito dias para a
 circuncisão, Sete dias da
 semana
 Seis livros da mishná, Cinco
 livros da Torá
 Quatro matriarcas, Três
 patriarcas
 Duas tábuas da lei
 Um Deus que está no céu e
 na terra

 Nove quem sabe?
 Nove eu sei:
 Nove meses para o
 nascimento, Oito dias para
 a circuncisão
 Sete dias da semana, Seis
 livros da mishná
 Cinco livros da Torá,

habrit
Echad eloheinu
shebashamaim uvaaretz

Asara mi yodea?
Asara ani yodea:
Asara dibraya, Tish'a
yarchei leida
Shmona yemei mila, Shiv'a
yemei shabta
Shisha sidrei mishna,
Chamisha chumshei tora
Arba imahot, Shlosa avot
Shnei luchot habrit
Echad eloheinu
shebashamaim uvaaretz

Achad asar mi yodea?
Achad asar ani yodea:
Achad asar kochvaya, Asara
dibraya
Tish'a yarchei leida,
Shmona yemei mila
Shiv'a yemei shabta, Shisha
sidrei mishna
Chamisha chumshei tora,
Arba imahot
Shlosa avot, Shnei luchot
habrit
Echad eloheinu
shebashamaim uvaaretz

Shneim asar mi yodea?
Shneim asar ani yode:
Shneim asar shivtaya,
Achad asar kochvaya
Asara dibraya, Tish'a
yarchei leida
Shmona yemei mila, Shiv'a
yemei shabta

תשעה אני יודע:
תשעה ירחי לדה,
שמונה ימי מילה,
שבעה ימי שבתא,
ששה סדרי משנה,
חמשה חמשי תורה,
ארבע אמהות
שלשה אבות, שני
לוחות הברית
אחד אלהינו שבשמים
ובארץ.

עשרה מי יודע?
עשרה אני יודע:
עשרה דבריא, תשעה
ירחי לדה,
שמונה ימי מילה,
שבעה ימי שבתא,
ששה סדרי משנה,
חמשה חמשי תורה,
ארבע אמהות, שלשה
אבות,
שני לוחות הברית
אחד אלהינו שבשמים
ובארץ.

אחד עשר מי יודע?
אחד עשר אני יודע:
אחד עשר כוכביא,
עשרה דבריא,
תשעה ירחי לדה,
שמונה ימי מילה,
שבעה ימי שבתא,
ששה סדרי משנה,
חמשה חמשי תורה,
ארבע אמהות
שלשה אבות, שני
לוחות הברית
אחד אלהינו שבשמים
ובארץ.

Quatro matriarcas Três
patriarcas, Duas tábuas da
lei Um Deus que está no
céu e na terra

Dez quem sabe?
Dez eu sei:
Dez mandamentos, Nove
meses para o nascimento
Oito dias para a
circuncisão, Sete dias da
semana
Seis livros da mishná, Cinco
livros da Torá
Quatro matriarcas, Três
patriarcas
Duas tábuas da lei
Um Deus que está no céu e
na terra

Onze quem sabe?
Onze eu sei:
Onze estrelas [que Yosef
viu no sonho], Dez
mandamentos
Nove meses para o
nascimento, Oito dias para
a circuncisão
Sete dias da semana, Seis
livros da mishná Cinco
livros da Torá, Quatro
matriarcas Três patriarcas,
Duas tábuas da lei Um
Deus que está no céu e na
terra
Doze quem sabe?
Doze eu sei:
Doze tribos, Onze estrelas
Dez mandamentos, Nove
meses para o nascimento

Shisha sidrei mishna,
Chamisha chumshei tora
Arba imahot, Shloshe avot
Shnei luchot habrit
Echad eloheinu
shebashamaim uvaaretz

Shloshe asar mi yodea?
Shloshe asar ani yodea
Shloshe asar midaya,
Shneim asar shivtaya
Achad asar kochvaya, Asara
dibraya
Tish'a yarchei leida,
Shmona yemei mila
Shiv'a yemei shabta, Shisha
sidrei mishna
Chamisha chumshei tora,
Arba imahot
Shloshe avot, Shnei luchot
habrit
Echad eloheinu
shebashamaim uvaaretz

שנים עשר מי יודע
שנים עשר אני יודע
שנים עשר שבטאי,
אחד עשר כוכביא
עשרה דבריא, תשעה
ירחי לדה,
שמונה ימי מילה,
שבעה ימי שבתא,
ששה סדרי משנה,
חמשה חמשי תורה,
ארבע אמהות, שלשה
אבות,
שני לוחות הברית
אחד אלהינו שבשמים
ובארץ.
שלשה עשר מי יודע
שלשה עשר אני יודע
שלשה עשר מדיא,
שנים עשר שבטאי,
אחד עשר כוכביא,
עשרה דבריא,
תשעה ירחי לדה,
שמונה ימי מילה,
שבעה ימי שבתא,
ששה סדרי משנה,
חמשה חמשי תורה,
ארבע אמהות
שלשה אבות, שני
לוחות הברית

Oito dias para a
circuncisão, Sete dias da
semana
Seis livros da mishná, Cinco
livros da Torá
Quatro matriarcas, Três
patriarcas
Duas tábuas da lei
Um Deus que está no céu e
na terra
Treze quem sabe?
Treze eu sei:
Treze atributos de Deus,
Doze tribos
Onze estrelas, Dez
mandamentos
Nove meses para o
nascimento, Oito dias para
a circuncisão
Sete dias da semana, Seis
livros da mishná
Cinco livros da Torá,
Quatro matriarcas
Três patriarcas, Duas
tábuas da lei Um Deus que
está no céu e na terra

Tzafun - צפון

Busca-se e acha-se a matzá escondida para o afikoman, que é então comida.

Shulchan Orech - שולחן עורך

Agora é realizada a refeição festiva, com muita comida alegria.

Agradecimentos e Hagadá

Um dos mais tradicionais e mais amplamente realizados rituais judaicos é o Seder de Pessach. O Seder leva este nome exatamente por ter uma ordem determinada para acontecer, mas ainda assim é dos rituais judaicos que apresenta maior diversidade: nenhuma família faz seu Seder de Pessach igual à outra.

Assim, nós do Habonim Dror resolvemos criar o nosso próprio Seder, da forma que faz mais sentido para nós e para nos aproximarmos da tradição judaica, com sentido e atualidade vibrantes. Portanto, os textos aqui reunidos são exatamente as nossas próprias brachot, comentários e interpretações de Pessach. Em alguns casos, por questões logísticas, não pudemos realizar todas as partes do Seder, ou então foi preciso mudar a ordem de algumas brachot ou rituais presentes no Seder tradicional. Ainda assim, consideramos que cada família ou, no nosso caso, movimento, é livre para refazer e reinterpretar nossas tradições.

Por todo o trabalho e crença que temos em nossa Hagadá, adorariamos que vocês a levassem para casa e a utilizassem em seus próprios sedarim. Mas com esse mesmo espírito adorariamos incentivar todos a criarem suas próprias interpretações e sentidos específicos de Pessach, de forma a enriquecer ainda mais a tradição e a vitalidade judaica contemporâneas.

Agradecemos a todos que ajudaram na criação dessa hagadá - tanto chaverim atuais quanto ex-chaverim que criaram textos nela presentes -, na organização do seder e no nosso teatro. Agradecemos ao CIB, por ter nos proporcionado espaço e recursos para a realização do seder, nos ajudando muito. E, por fim, agradecemos a todos aqui presentes, que contribuíram para fazer desta noite tão significativa e especial para nós. Esperamos que tenham gostado!

Todá Rabá!

חג פסח שמח !

